

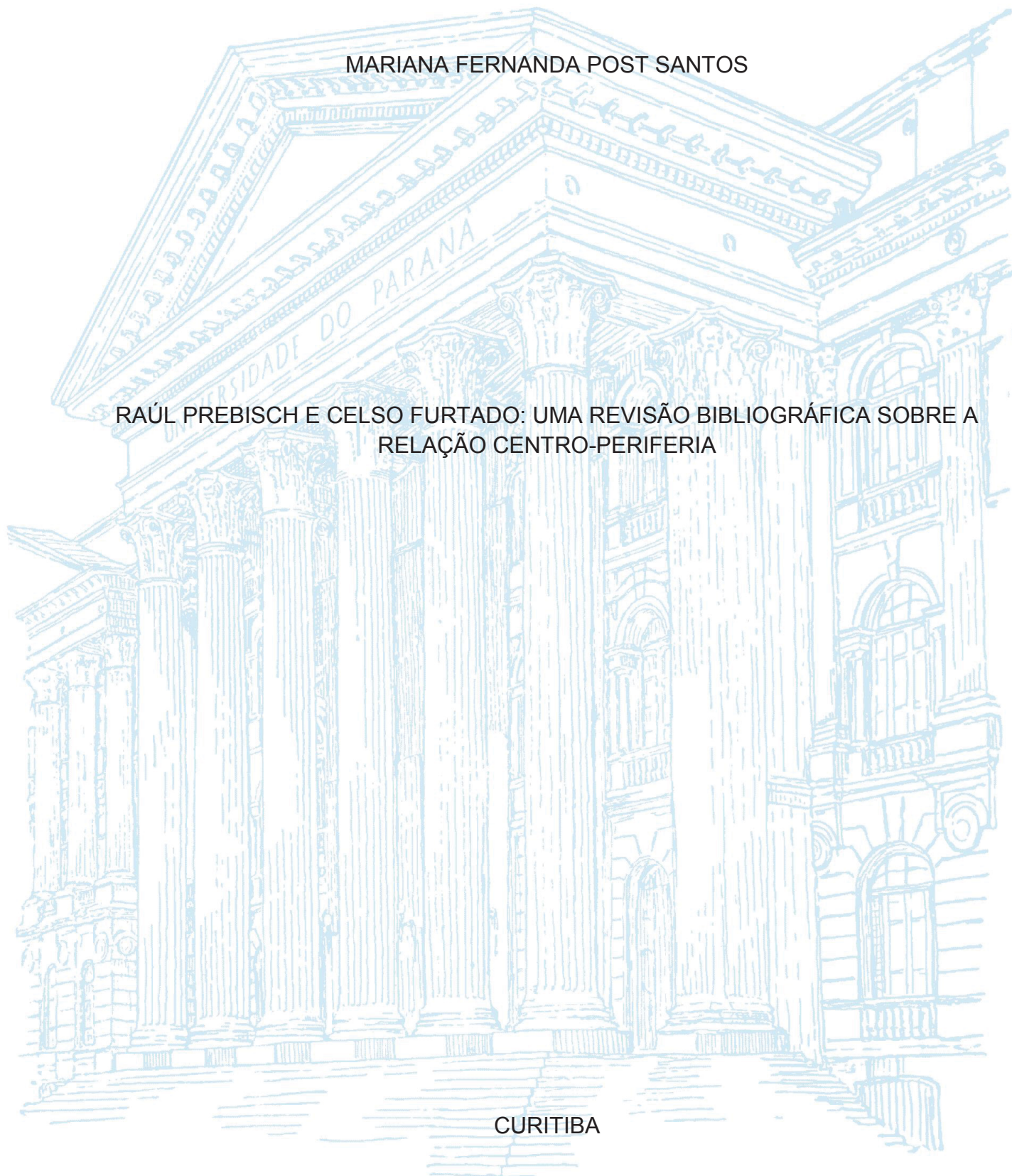
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARIANA FERNANDA POST SANTOS

RAÚL PREBISCH E CELSO FURTADO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE A
RELAÇÃO CENTRO-PERIFERIA

CURITIBA

2019



MARIANA FERNANDA POST SANTOS

RAÚL PREBISCH E CELSO FURTADO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE A
RELAÇÃO CENTRO-PERIFERIA

TCC apresentado ao curso de Pós-Graduação em Sociologia Política, Setor de Sociologia Política, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Sociologia Política.

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Caroline Cordeiro Viana e Silva

CURITIBA

2019

TERMO DE APROVAÇÃO

MARIANA FERNANDA POST SANTOS

RAÚL PREBISCH E CELSO FURTADO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE A
RELAÇÃO CENTRO-PERIFERIA

TCC apresentado ao curso de Pós-Graduação em Sociologia Política, Setor de
Ciência Política, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do
título de Especialista em Sociologia Política.

Prof(a). Dr(a)./Msc. Caroline Cordeiro Viana e Silva
Orientador(a) – Departamento de Ciência Política, UFPR

Prof(a). Dr(a)./Msc. _____
Departamento _____, INSTITUIÇÃO

Prof(a). Dr(a)./Msc. _____
Departamento _____, INSTITUIÇÃO

Curitiba, __ de _____ de 2019.

RESUMO

O presente trabalho busca fazer uma revisão bibliográfica, baseando-se nos ensinamentos e nas principais obras de Raúl Prebisch e Celso Furtado, sobre a relação entre países centrais e periféricos. Como premissa para essa relação, ambos os autores dissertam sobre a consequência da manutenção do sistema de divisão internacional do trabalho e a influência da má distribuição do progresso técnico entre Estados nacionais e como esses passam a se comportar a partir da relação de dependência que é criada entre eles. Raúl Prebisch, principal precursor do entendimento da relação entre centro e periferia, defendia que para superar a dependência (conceito mais profundamente desenvolvido por Furtado) era necessária a iniciação de uma industrialização mais complexa a partir de bens intermediários de consumo mais duráveis. Celso Furtado, também, a partir da premissa central da relação entre estados de centro e de periferia, trabalha em cima da teoria do subdesenvolvimento, que discorre que o mesmo não constitui uma etapa necessária do processo de formação das economias capitalistas – é um processo particular, resultante da penetração de empresas capitalistas modernas em estruturas arcaicas. Ambos autores dissertam sobre a relação existente entre esses dois polos do sistema econômico internacional e as consequências dessa relação, que preza pelo profundo desenvolvimento de um dos lados, enquanto o outro fica estagnado em seu crescimento dentro do sistema capitalista mundial.

Palavras-chave: Raúl Prebisch. Celso Furtado. Centro-periferia. Dependência. Progresso Técnico.

ABSTRACT

This paper seeks to review the literature, based on the teachings and main works of Raúl Prebisch and Celso Furtado, about the relationship between central and peripheral countries. As a premise for this relationship, both authors talk about the consequence of the maintenance of the system of international division of labor and the influence of the poor distribution of technical progress among national states and how they start to behave from the dependency relationship that is created between them. Raúl Prebisch, the main precursor to understanding the relationship between center and periphery, argued that to overcome the dependence (a concept most deeply developed by Furtado) is required the initiation of a more complex industrialization from more durable intermediate consumer goods. Celso Furtado also, from the central premise of the relationship between center and periphery states, works on the underdevelopment theory, which argues that it is not a necessary step in the process of formation of capitalist economies - it is a particular process, resulting from the penetration of modern capitalist enterprises into archaic structures. Both authors talk about the relationship between these two poles of the international economic system and the consequences of this relationship, which values the deep development of one side, while the other is stagnant in its growth within the world capitalist system.

Keywords: Raúl Prebisch. Celso Furtado. Center-periphery. Dependence. Technical Progress.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. RAÚL PREBISCH.....	8
3. CELSO FURTADO.....	20
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
5. BIBLIOGRAFIA.....	32

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a concepção Centro-Periferia sob a ótica de dois principais autores e economistas latino-americanos, Raúl Prebisch e Celso Furtado, com base em suas principais publicações ao longo dos anos, iniciando-se com o manifesto cepalino escrito por Prebisch, até os escritos mais contemporâneos de Furtado.

Raúl Prebisch (1901-1986) foi um economista argentino e precursor dos estudos cepalinos sobre o subdesenvolvimento latino americano de formulação estruturalista. Seus três textos inaugurais dentro da Cepal¹ são reconhecidos como fundadores da teoria estruturalista sobre o subdesenvolvimento da América Latina. Os mesmos buscam destacar as limitações e dificuldades ao crescimento regional que se sucedem na periferia do mundo desenvolvido. Prebisch utiliza-se da diferença existente entre as economias centrais para caracterizar a economia latino-americana e como argumento coloca que essas dessemelhanças decorrem de condições inapropriadas de crescimento na periferia global, o que acaba impondo restrições à industrialização e ao progresso técnico. Ele verifica que a ação livre do mercado é insuficiente para proporcionar esse crescimento, sendo necessário assim, a força estatal para uma melhor regulação (BIELSCHOWSKY, p. 11, 2011).

Celso Furtado (1920-2004) foi um economista brasileiro e construtor de estudos sobre as origens e características do subdesenvolvimento e da dependência latino-americana, principalmente da brasileira. Sua abordagem baseada nos conceitos econômicos e políticos de centro-periferia e de dependência, elaborando assim uma observação profunda sobre o progresso técnico, principal elemento da diferenciação entre Estados, nessa área e o desenvolvimento de desigualdades em regiões menos desenvolvidas do atual sistema mundial. Furtado parte do conceito de centro-periferia buscando diferenciar a posição política e econômica em que a América Latina se encontra, ligando a esse fato a dependência externa e o subdesenvolvimento em que esses países estão inseridos (BORJA, p.248-250, 2009).

Prebisch foi a principal fonte analítica para as argumentações teóricas de Furtado. Ambos autores foram importantes expoentes dentro da teorização cepalina apresentando uma harmonia teórica e metodológica entre si, onde no interior de seus

estudos apresentam a necessidade de industrialização administrada pelo Estado como modo de superação do subdesenvolvimento, apresentando assim, uma visão crítica da teoria neoclássica e das leis vigentes do comércio internacional. Os dois autores revelam teorias complementares onde Furtado apresenta estudos históricos e Prebisch demonstra uma preocupação muito mais estrutural, buscando influenciar governos.

Ao decorrer do trabalho serão apresentados e discutidos conteúdos mostrando a consequência desses vínculos entre Estados principais já inseridos em uma estrutura capitalista sobre Estados que ainda estão crescendo e buscando o seu desenvolvimento dentro desse sistema econômico, abordando dessa maneira, conceitos históricos, econômicos e estruturais dessa relação com base nos estudos de Celso Furtado e Raúl Prebisch.

Para isso, o trabalho se dividirá em dois capítulos. O primeiro capítulo buscará abordar os estudos do economista argentino, Raúl Prebisch, discorrendo sobre suas principais teorizações acerca do movimento de países centrais e países periféricos demonstrando suas principais características e o estruturalismo da periferia Latino Americana. O texto se dará através da análise de suas três principais obras O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus principais problemas, Crescimento, desequilíbrio e disparidades: interpretação do processo de desenvolvimento econômico e Problemas teóricos e práticos do crescimento econômico.

O segundo capítulo irá levantar os estudos do economista brasileiro, Celso Furtado, baseando-se em seus ensaios publicados unitariamente e textos presentes nos livros Desenvolvimento e subdesenvolvimento e O mito do desenvolvimento econômico. Desenvolvendo assim, suas principais teorizações sobre o subdesenvolvimento e sobre a dependência também da periferia Latino Americana, deixando elencada uma revisão bibliográfica desses dois autores e de suas teorizações sobre o centro e a periferia.

2. RAÚL PREBISCH

Raúl Prebisch foi um economista argentino e um dos principais intermediários das transformações econômicas da América Latina ao longo dos 85 anos de sua vida. “Raúl Prebisch, no século XX, foi o responsável por libertar estes mesmos países das ideias econômicas oriundas do mundo rico e industrializado da Europa e dos Estados Unidos”. (COUTO, 2017, p.66). Prebisch chegou na Comissão Econômica para a América Latina em 1949, quando suas ideias estavam amadurecendo, ponto em que pôde publicar vários estudos sobre a situação econômica e política latino-americana, e foi onde amadureceu sua estrutura teórica, principalmente sobre a concepção do sistema centro-periferia.

Em 1948, Prebisch era sondado para fazer parte da CEPAL como secretário-executivo, mas seu nome foi vetado por membros do FMI. Em 1949, ele aceita o convite da instituição para escrever pela mesma, como consultor, o *Estudio Económico de América Latina*. Tamanho sucesso, seu texto “O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus principais problemas” ficou conhecido como o manifesto da CEPAL. Ainda em 1949, Prebisch aceita permanecer na Comissão por mais um tempo, ocupando o cargo de diretor de investigações. A partir daí ele se convenceu da importância do trabalho feito no local e aceitou assumir o cargo de secretário-executivo, permanecendo no mesmo por 15 anos (MACEDO, 1994, p.17)

São os três primeiros textos de Raúl Prebisch escritos para a CEPAL que ficaram conhecidos como o pensamento da CEPAL. São eles: “O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus principais problemas” de 1949, “Crescimento, desequilíbrio e disparidades: interpretação do processo de desenvolvimento econômico”, de 1950 e “Problemas teóricos e práticos do crescimento econômico” de 1951. Entre o cerne do pensamento da CEPAL está como principal o sistema centro-periferia, onde compreende-se por centro os países desenvolvidos do sistema econômico mundial, exportadores de bens manufaturados, e por periferia os países que ainda estão em desenvolvimento e que seriam os exportadores de produtos primários para os países centrais (COUTO, 2017, p.77).

Nessa periferia mundial encontra-se a América Latina, região que vinha se industrializando desde a Grande Depressão dos anos 1930, mas que ainda era refém da antiga divisão internacional do trabalho, situação questionada por Prebisch, pois essa

divisão defendia que o progresso técnico dos centros iria se distribuir para a periferia a partir da baixa dos preços dos produtos manufaturados exportados devido ao aumento da sua produtividade. Assim, as matérias primas exportadas pelas periferias, que apresentavam uma baixa produtividade, possuiriam um maior poder de compra à medida em que evoluísse o tecnicismo dos centros, não sendo necessária a industrialização desses países periféricos (COUTO, 2017, p.77).

Porém, Prebisch desmente essa premissa de distribuição igualitária do progresso técnico, uma vez que desde o final do século XIX os preços dos produtos primários estavam em queda frente aos preços dos produtos manufaturados. Isso quer dizer que, por não ter sido repassada o aumento da produtividade na baixa dos preços, o progresso técnico se concentrou nos países centrais. Isso se explica pelo movimento cíclico da economia.

Na fase descendente do ciclo, a queda nos preços dos produtos primários exportados era maior do que a sua elevação na fase ascendente. Enquanto isso, os preços dos produtos manufaturados e a flexibilidade dos preços primários tinham como razão o maior poder sindical dos trabalhadores dos centros, que elevavam os salários na fase ascendente e mantinha-os na fase descendente (COUTO, 2017, p.77).

Sobre a história da CEPAL, em 1946, o Conselho Econômico e Social das Nações Unidas, visando pôr em prática seu trabalho de criação de comissões regionais, gerou sério desconforto entre os 20 membros latino-americanos (dos 51 membros - naquela época - das Nações Unidas) quando recomendou a criação de uma comissão econômica para a Europa e outra para a Ásia e Extremo-Oriente procurando a reconstrução econômica de regiões devastadas pós- segunda guerra mundial. Os membros representantes dos países da América Latina buscaram demonstrar que a sua região também havia sido profundamente afetada, onde os preços dos produtos básicos, principal produto que exportava, haviam sido congelados nos anos 1930 e as reservas de exportação que antes haviam sido acumuladas em anos de guerra agora estavam sendo depreciadas pelo mesmo congelamento, pela desvalorização da moeda do Reino Unido e pela elevação dos preços à liberação destes nos Estados Unidos da América. (FURTADO, 2013, p. 85).

Por esse motivo, os investimentos na América Latina haviam se defasado de maneira considerável e também, o preço dos equipamentos estavam muito altos devido à reconstrução da Europa. Como foi elencado, eram vários os motivos para se verificar

que a América Latina havia sido fortemente atingida e sua economia abalada pela segunda guerra mundial. Após verificar-se isso, estabeleceu-se um comitê para averiguar o caso, sendo que com o relatório proveniente do comitê conclui-se que a região havia sim sido atingida pela guerra e que por isso a mesma sofria agora grandes perdas por causa dessa situação. Apesar de sentir fortes oposições por meio dos Estados Unidos e da Europa, era criado em 1948 a CEPAL - Comissão Econômica para a América Latina com sede em Santiago, Chile (FURTADO, 2013, p. 85).

Era recorrente, em seus levantamentos, a influência da questão do papel do progresso técnico e da sua difusão internacional, assim como também a distribuição de seus resultados. Os dados empíricos recolhidos na época demonstravam uma abissal desigualdade entre os países produtores e os exportadores de bens manufaturados de um lado, e dos países produtores e os exportadores de bens primários de outro lado. Buscando encontrar uma explicação para esse acontecimento, Prebisch passou a compreender que os países do atual sistema mundo formavam uma “constelação econômica”, um sistema de relações econômicas internacionais que denominou de centro-periferia (PREBISCH, 1987, p.14).

O centro desse sistema era compreendido pelos países industrializados, favorecidos pelo apoio prévio do progresso técnico, era quem organizava o sistema de acordo com o seu interesse. Os países de periferia estavam conectados com o centro devido seus recursos naturais, uma vez que eram exportadores de matérias primas. Prebisch coloca ainda que o tipo de conexão entre cada país periférico com cada país central depende, em grande parte, dos recursos existentes entre essa relação e a capacidade econômica e política para mobiliza-los.

En mi opinión, este hecho tenía la mayor importancia, ya que condicionaba la estructura económica y el dinamismo de cada país, es decir, la mayor o menor rapidez con que podría penetrar en ellos el progreso técnico y las actividades económicas que tal progreso implicaría al desenvolverse¹ (PREBISCH, 1987, p.15).

Até pouco tempo prevalecia na América Latina a divisão internacional do trabalho, estrutura que equivalia a região como periferia do sistema econômico mundial, produzindo alimentos e outras matérias-primas para os centros industriais do mesmo. As

¹ Tradução livre da autora: “Na minha opinião, esse fato teve a maior importância, pois condicionou a estrutura econômica e o dinamismo de cada país, isto é, a maior ou menor rapidez com que poderia penetrar neles o progresso técnico e as atividades econômicas que tal progresso implicaria a se desenvolver”.

vantagens econômicas da divisão internacional do trabalho são contestáveis, pois elas partem de uma premissa errônea em que o fruto do progresso técnico tenderia a repartir-se igualmente entre todos, sendo pela baixa dos preços ou pelo aumento das remunerações e dessa maneira os países periféricos receberiam a sua parte justa desses frutos. Mas as vantagens dessa produtividade não chegaram em grande escala para a periferia desfrutar da mesma maneira que o centro desfruta (PREBISCH, 1949, p.47).

A disseminação do progresso técnico na periferia se fez de uma forma muito mais lenta do que o necessário para que houvesse uma absorção produtiva eficaz de toda a sua força de trabalho. Assim, a concentração do progresso técnico e suas consequências nas atividades econômicas voltadas para as exportações se fez parte característica de uma economia e de uma estrutura social fragmentada onde grande parte da população permanece à margem do desenvolvimento (PREBISCH, 1987, p.15).

A inserção do progresso técnico na periferia ocorreu lentamente e restrita à setores voltados ao mercado externo e especializados em poucos produtos primários. A formação da estrutura de produção dos países periféricos, determinada pela integração desses países na divisão internacional do trabalho será responsável pelas características e pelos problemas do desenvolvimento da América Latina ao longo do período que começa com a Primeira Guerra Mundial, que é responsável por grandes mudanças no cenário econômico internacional que possibilitariam a oportunidade do aparecimento da fase do desenvolvimento para dentro dos países periféricos latino-americanos (MACEDO, 1994, p.34).

O progresso técnico iniciou-se no centro do sistema e manteve lá os produtos decorrentes dessa. Esses produtos não se disseminaram na periferia devido a uma baixa dos preços frente ao aumento da produtividade. Em seu desenvolvimento histórico o papel da periferia foi restringido essencialmente a oferta de produtos primários para os centros do sistema, isso explica o fato de que o crescimento da renda estimular a demanda e as ininterruptas inovações técnicas, o que dava grande impulso para a industrialização. (PREBISCH, 1987, p.23).

A propagação universal do progresso técnico dos países nos quais ele se originou para o resto do mundo foi relativamente lenta e irregular (...). No longo período transcorrido desde a Revolução Industrial até a Primeira Guerra Mundial, as novas formas de produção em que a técnica veio se manifestando incessantemente só atingiram uma reduzida proporção da população mundial.

O movimento começa na Grã-Bretanha, continua com diferentes graus de intensidade, no continente europeu, adquire impulso extraordinário nos Estados Unidos e, finalmente, atinge o Japão (...). Foram se consolidando, assim, os grandes centros industriais do mundo e, em torno deles, a periferia do novo sistema, vasta e heterogênea, que participava escassamente de melhorias na produtividade (PREBISCH, 1950, p.153).

Nas linhas anteriores escritas por Prebisch, fica claro que o sistema econômico mundial passa a ser identificado a partir do progresso técnico e da produtividade, ou seja, da industrialização. Porém, esse sistema é responsável pela estruturação de um mundo bipolar onde um polo está subordinado a outro, o que acaba levando a desigualdades de renda e de produtividade entre eles (MACEDO, 1994, p.25)

O diagnóstico principal de Raúl Prebisch para os países latino americanos foi uma crítica ao modelo de desenvolvimento voltado para fora, sistema que, em sua opinião, não permitia um desenvolvimento total para os países dessa região. A política de desenvolvimentista que ele propõe para alcançar esse pleno desenvolvimento teria como objetivo principal superar as limitações do padrão anterior e, assim, industrializar seu mercado (PREBISCH, 1987, p.15).

Os países da América Latina, antes da Grande Depressão, tiveram seu crescimento impulsionado para fora devido ao crescimento duradouro das suas exportações. Porém, não se supõe que esse fenômeno irá se repetir na mesma intensidade, a não ser em casos específicos. Assim, não se apresenta outra alternativa entre um crescimento forte dessa maneira ou um crescimento voltado para dentro a partir da industrialização. Com o progresso técnico é possível aumentar a capacidade produtiva, mas atrelado a isso, com uma legislação social eficiente onde acaba por se aumentar o nível do salário real, é possível corrigir de maneira gradativa a falta de equilíbrio de remunerações entre centro e periferia. (PREBISCH, 1949, p.53)

Um dos principais problemas do desenvolvimento econômico da região era o aumento do nível de produtividade de toda força de trabalho. Esse era um ponto sensível para as exportações uma vez que a possibilidade de aumento das exportações estava baixa pois estavam restringidas ao crescimento lento das demandas dos centros dada a elasticidade baixa de bens primários e suas políticas protecionistas. Como consequência, a industrialização poderia ser uma saída para empregar essa grande massa de trabalhadores que havia sido liberada pela inserção do progresso técnico tanto na exportação quanto na agricultura (PREBISCH, 1987, p.16).

Os frutos decorrentes dessa produtividade acabam permanecendo no centro do sistema, o que por sua vez, aumenta a demanda, possibilita o desenvolvimento de novas inovações tecnológicas e como decorrência disso, a acumulação de capital dos mesmos, que acaba tendo efeitos apenas residuais na periferia. A partir desse diagnóstico, Prebisch encontrou na substituição de importações a saída para essa industrialização. Concluiu que se, estimulada por uma política protecionista moderada, é um processo econômico sensato para alcançar os seguintes efeitos: corrigir a tendência até uma restrição externa do desenvolvimento, proveniente da baixa elasticidade-renda da demanda de importações de produtos primários por parte dos centros, enquanto havia uma alta elasticidade-renda da demanda de manufaturas vinda dos centros por parte da periferia; a substituição de importações por meio de protecionismos iria contra a tendência de deterioração dos meios de intercâmbio ao evitar a atribuição dos recursos produtivos adicionais às atividades de exportação de bens primários e desviá-los para uma produção industrial; a industrialização promoveria mudanças na estrutura produtiva que correspondem à elevada elasticidade da demanda de manufaturas; dessa forma, a industrialização e o aumento de produtividade na produção de bens primário são situações complementares, pois, quanto mais acentuado for este último, maior será a necessidade de industrialização (PREBISCH, 1987, p.17).

Porém, a substituição de importações alcançou seu nível máximo nos países periféricos mais desenvolvidos, se esgotando quase por completo as possibilidades de substituição para o mercado interno de bens de consumo não duradouros. Era fundamental, como um próximo passo, a iniciação de uma industrialização mais complexa a partir de bens intermediários de consumo mais duráveis que requerem um mercado mais amplo e para isso, Prebisch propõe a formação de um Mercado Comum Latino Americano. Com a reconstrução mundial pós-guerra completa, surgiram possibilidades para a periferia do sistema, sendo possível agora uma política de estímulo às exportações de manufatura voltadas para o centro, assim como fortalecendo também as relações comerciais dentro da própria periferia. A partir desses resultados, Prebisch realiza que a industrialização periférica havia sido assimétrica, pois se baseou em uma substituição de importações mediante protecionismo, sem o estímulo das exportações de manufaturas. *“Para combatir esa falla la protección debería ir unida a subsidios*

selectivos a la exportación, a fin de afrontar las diferencias de costos en relación con los centros.”² (PREBISCH, 1987, p.20).

Essa industrialização periférica ocorreu com grande atraso histórico e em meio múltiplas crises dos centros. Essa situação ressaltou a tendência da periferia de reproduzir e imitar os centros, adotando suas culturas, tecnologias, modo de viver, ideias e ideologias, reproduzindo também suas instituições. *“Todo eso penetró en una estructura social de la periferia que se quedó considerablemente detrás de la estructura muy avanzada de los centros y generó mutaciones considerables, acompañadas de contradicciones cuya aclaración tiene suma importancia”³ (PREBISCH, 1987, p.23).* Dessa maneira, esse sistema capitalista tende a excluir aqueles que se encontram na base da pirâmide, porque acabam sendo cada vez mais e mais conflituosas as relações no curso de sua evolução e porque o funcionamento do sistema tende a uma iminente crise (PREBISCH, 1987, p.23).

Para Raúl Prebisch o fenômeno do excedente econômico, ou seja, a considerável proporção dos aumentos de produtividade que são apropriados pelos donos dos meios de produção, aqueles que se encontram nos estratos sociais altos, é um fenômeno estrutural que ocorre dentro da complexidade da periferia que possui grande parte da sua força de trabalho empregada em atividades de baixa produtividade e quando essa força de trabalho é absorvida em ocupações de maior produtividade, suas remunerações não aumentam de forma igualitária. Apenas uma porção pequena da força de trabalho, que passa a ser preparada para operar os avanços tecnológicos, se encontram em uma posição melhor para compartilhar os frutos dessa produtividade. Dessa maneira, compreende-se que o excedente é a fonte principal do emprego e da produtividade, mas ao mesmo tempo é o portador do aumento do consumo das classes privilegiadas que acabam por imitar os padrões de vida dos centros. Resumindo, a sequência do excedente econômico é aumentar a acumulação de capital reprodutivo, que acaba aumentando o emprego e a produtividade, depois disso aumenta-se novamente a acumulação de capital e assim por diante - deste jeito o crescimento do excedente, a taxa de seu crescimento e a sua utilização dependem dos recorrentes aumentos de produtividade que se realizam (PREBISCH, 1987, p.24).

² Tradução livre da autora: “Para combater essa falha, o protecionismo deve ser acompanhado de subsídios seletivos à exportação, para lidar com as diferenças de custo em relação aos centros. ”

³ Tradução livre da autora: “Tudo isso penetrou em uma estrutura social da periferia que acabou ficando consideravelmente para trás da estrutura muito avançada dos centros e gerou mutações consideráveis acompanhadas de contradições cujo esclarecimento possui suma importância”.

Na visão de Prebisch, as mudanças no funcionamento da economia internacional haveriam impossibilitando a continuação no desenvolvimento dos países América Latina de acordo com o antigo sistema de divisão internacional do trabalho, porém, elas também os ensinaram o caminho correto da atividade industrial (PREBISCH, 1949, p.95).

Para tanto, Prebisch via na industrialização o caminho para a superação do subdesenvolvimento Latino Americano. A industrialização para os países periféricos seria “o único meio de que se dispõe para captar uma parte do fruto do progresso técnico e elevar progressivamente o nível de vida das massas”. (PREBISCH, 1949, p.48). O desenvolvimento da produção de bens primários é uma das condições fundamentais para que a indústria possa cumprir seu dever social de aumentar o estila de vida de uma população, possuindo, para isso, de maquinários e outros instrumentos que possam aproveitar os benefícios do progresso técnico. Para isso, Prebisch coloca que é necessário importar bens de capital e exportar produtos primários. (PREBISCH, 1949, p.48).

Na visão de Prebisch, houve uma crise no modelo de desenvolvimento voltado ao impulso externo. Essa crise teria ressaltado algumas das características do desenvolvimento periférico que já existiam desde a Primeira Guerra Mundial, mas que suas consequências continuavam ofuscadas em detrimento das exportações. Essas características eram originárias da própria configuração dualista e especializada da estrutura produtiva da periferia e acabavam por se expressar a partir da orientação da América Latina ao desemprego, ao desequilíbrio e à deterioração dos termos de troca (MACEDO, 1994, p.41).

Sobre a orientação ao desemprego estrutural, essa faz relação com a maneira com a qual o progresso técnico penetrou na periferia configurou nela uma estrutura dual. Para Prebisch, o aumento da produtividade aos setores voltados ao mercado externo, acaba gerando nos mesmos um excesso real ou possível de população ativa, que se declara como uma tendência a partir da incapacidade de absorção da população restante pelos setores exportadores (MACEDO, 1994, p.42).

A tendência ao desequilíbrio externo seria resultado da debilidade da demanda externa, principalmente a partir de 1929. Esse acontecimento está relacionado com a escassez de dólares definido pela ascendência dos Estados Unidos, seu protecionismo e seu baixo nível de importações, condição resultante de um centro cíclico principal (PREBISCH, 1949, p. 49). Esse fenômeno traria como consequência déficits comerciais que prevaleceriam em todo o mundo, mas que na periferia, teriam seus efeitos piorados

pela queda de preços nos produtos primários, exportados por esses países, de forma relativa aos preços dos produtos manufaturados que importavam (MACEDO, 1994, p.42).

Porém, entre as características apresentadas na estrutura dos países periféricos latino americanos, a que possuía uma capacidade mais originária a esses seria a inclinação a deterioração dos termos de troca dos produtos primários com relação aos bens manufaturados. Para Prebisch ela é resultado do mau funcionamento do mercado internacional. Ele coloca a sua argumentação sobre a deterioração dos termos de troca que o mesmo teria ocorrido no período entreguerras. Ele fundamenta sua análise na comparação entre os produtos de exportação da América Latina e os dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha (MACEDO, 1994, p.44).

Prebisch fornece duas explicações para a ocorrência da deterioração dos termos de troca nos países periféricos. A primeira diz respeito a inflexibilidade à baixa dos salários e dos lucros nos centros, devido ao trabalho de sindicatos e de oligopólios, que são comparativamente mais débeis na periferia. (MACEDO, 1994, p.45). No movimento cíclico da economia, durante a sua crescente, parte dos lucros se transformaram em salários a partir da concorrência das empresas umas com as outras e pela pressão de todas elas em cima das organizações operárias. Na sua decrescente, o lucro se comprime e a parte que se transformou em aumento acaba perdendo a sua fluidez devido a sua relutância à baixa de salários. A pressão acaba se deslocando para a periferia de maneira mais potente em virtude das restrições na concorrência. Quanto menos pode-se encolher os rendimentos dos centros, mais terão que fazer o mesmo na periferia. Ou seja, o espaçamento entre as taxas salários e os lucros nos centros e nas periferias, definidos pelas diferenças de funcionamento de seus mercados, seriam responsáveis pelo rumo à deterioração (PREBISCH, 1950, p.109-110).

Pode-se concluir que a apropriação dos produtos criados a partir do progresso técnico pelos países centrais é maior do que a que ocorreria caso a elevação de sua taxa salarial tivesse origem a partir dos aumentos de produtividade comprovados no seu espaço nacional, e que isto ocorreria em detrimento aos trabalhadores periféricos (MACEDO, 1994, p.46).

A segunda argumentação sobre a deterioração dos termos de troca está relacionada ao fato de que a demanda por produtos primários é derivada. Ainda que fosse possível verificar na periferia uma austeridade parecida com a do centro, isso teria de aumentar a intensidade da pressão de um sobre o outro, porque ao lucro periférico

não se condensar na medida necessária para arrumar as diferenças entre a oferta e demanda nos centros, seguirão acumulando-se de mercadorias nestes e contraindo-se a produção industrial, e por consecutivo, a demanda de matérias-primas. Essa redução de demanda será tão forte quanto seja preciso para alcançar a essencial compressão da renda no setor primário da economia (MACEDO, 1994, p.47).

A massa populacional dos centros, ao possuírem uma maior capacidade de conseguir aumentos de salário durante o período crescente de uma economia e de defenderem o seu nível durante o período decrescente, assim como a capacidade desses centros de transferir para a periferia a pressão cíclica fazendo-a encolher seus rendimentos de maneira mais intensa, explica o porquê dos rendimentos centrais persistem em subir de forma mais abrupta e forte que nos países periféricos. Ou seja, a diferente institucionalidade do mercado de trabalho entre esses dois polos tornaria possível a deterioração e o caráter derivado da demanda por produtos primários a tornaria praticamente necessária (PREBISCH, 1949, 108).

As explicações acima sobre a deterioração dos termos de troca foram apresentadas em seu estudo de 1949, porém em seu próximo estudo de 1950, Prebisch adiciona que esse fenômeno também pode ser explicado a partir da demora com que a industrialização mundial irá absorver o excesso real e potencial da população ativa voltada às atividades primárias. Existe, dessa maneira, um excesso de mão de obra humana nas atividades primárias, o que acaba pressionando os salários dos mesmos e o preço dos produtos primários. Ao contrário dessa situação, nos centros existe um dinamismo disponibilizado pela indústria e pela produtividade que pressiona os salários de forma próspera, assim, fazendo com que os preços dos produtos manufaturados cresçam mais do que os de produtos primários. Dessa maneira, se a demanda dos centros cresce menos do que a produção primária ou demora a recuperar seu poder após uma forte depressão, a situação dos preços piora para a periferia. Como a demanda dos produtos primários nos centros acabou passando por uma crise, principalmente em 1929, sem mostrar possíveis recuperações devido a insistente falta de dólares no mercado e das práticas protecionistas que isso acabava causando no comércio internacional, a disposição a deterioração dos termos de troca, que se definiu pelo excesso estrutural de mão de obra na produção primária periférica acabaria sendo ainda mais forte (MACEDO, 1994, p. 48).

Esse é um entre os diversos argumentos em que Raúl Prebisch se sustentava para chegar em seu principal objetivo que era indicar os limites do desenvolvimento para

fora da América Latina e defender a condução que foi determinada para a industrialização da região pelos seus governos, o que, segundo ele, seria a maneira de absorver o excedente de mão de obra e impossibilitar a deterioração dos termos de troca

Segundo Prebisch, se na relação entre centro e periferia estivesse em vigor as circunstâncias esperadas pela teoria neoclássica a distribuição desequilibrada do progresso técnico e da produtividade entre essas duas extremidades da economia mundial, representaria uma distribuição equilibrada dos frutos produzidos pelo progresso técnico, que acabaria por se expressar através da disposição do nivelamento da renda média dos países do centro e dos países da periferia, o que traria, por consequência, o nivelamento da vida da população e as respectivas forças de capitalização a partir do deslocamento dos preços relativos dos produtos primários e manufaturados em sentido oposto à diferenciação da produtividade. A não existência desse movimento nos preços seria comprovada a partir da deterioração dos termos de troca. (MACEDO, 1994, p. 53).

No seu texto de 1949, Prebisch explana sobre essa questão da seguinte maneira:

As enormes vantagens do desenvolvimento da produtividade não chegaram à periferia em condições comparáveis às que a populações desses grandes países conseguiu alcançar. Daí as diferenças tão acentuadas entre os níveis de vida das massas desses países e da periferia, e as notórias discrepâncias entre as suas representativas forças de capitalização (...). Há, assim, um desequilíbrio evidente e, qualquer que seja a sua explicação ou justificativa, trata-se de um fato certo, que destrói a premissa básica do esquema da divisão internacional do trabalho (PREBISCH, 1949, p.96).

Esse desequilíbrio indicaria uma desigualdade no sistema da divisão internacional do trabalho devido ao fato de que durante o tempo em que os centros guardaram para si os frutos do progresso técnico produzido por sua indústria, a periferia do sistema transferiu para eles parte dos frutos do seu próprio progresso técnico. Assim, o intercâmbio internacional não atuou como um fator da propagação universal das vantagens do progresso técnico, ele acabou por fim, agravando ainda mais as desigualdades entre centros e periferia. Dessa maneira, a reflexão sobre a deterioração dos termos de troca permitiria reforçar a metáfora centro-periferia, demonstrando o caráter exploratório que vigora nas relações do comércio internacional (MACEDO, 1994, p.54).

Portanto, Prebisch apoia sua mensagem a favor da adesão de políticas industriais para a região da América Latina em uma argumentação baseada nas tendências estruturais que a disseminação desigual do progresso técnico na economia do sistema

internacional haveria trazido para os países da periferia como por exemplo, o desemprego, desequilíbrio externo e a deterioração dos seus termos de troca (MACEDO, 1994, p.55).

3. CELSO FURTADO

Celso Furtado construiu um amplo e proveitoso pensamento sobre as características do subdesenvolvimento, levando em sua teoria duas grandes outras vertentes de conhecimento econômico latino americano, sendo elas o sistema centro-periferia e a teoria da dependência. Tal pensamento traz uma análise sobre a assimilação e difusão do progresso técnico inserido nas características do subdesenvolvimento.

Furtado mudou-se para o Chile em 1949 para integrar a CEPAL, Conselho Econômico que viria a ser a primeira escola de pensamento econômico surgida na América Latina, local onde irá publicar ensaios sobre a economia da região. Em 1950, quando Raúl Prebisch assume como Secretário Executivo, Furtado foi nomeado Diretor da Divisão de Desenvolvimento, posto que em que permanece até 1958.

Celso Furtado reconhece o sistema centro-periferia como um dos principais pontos que perseveraram nos estudos Cepalinos, principalmente com Raúl Prebisch. Furtado coloca que esse sistema possui concepção histórica - a Revolução Industrial - mas que possui uma constante estrutural compreensível pela divisão internacional do trabalho. “O que irradia do centro para a periferia são novos produtos engendrados pela indústria, portanto novos padrões de consumo. Configura-se, assim, desde o início, o quadro de dominação cultural e, com esta, a constituição de elites que assimilam novos sistemas de valores”. (FURTADO, 2013, p. 100). É esse pano de fundo que irá configurar as importações dos países periféricos, que se baseará nos moldes de países centrais e no que estes consomem. Além disso, a industrialização dos países periféricos passa a ser cada vez mais tardia, uma vez que a mesma agora reproduz aquilo que antes estava acostuada a importar, criando assim uma dependência tecnológica, pois agora “os equipamentos serão importados ou produzidos com tecnologia importada” (FURTADO, 2013, p. 99-100).

Prebisch observara que o comportamento cíclico da economia capitalista era divergente do que havia sido observado nos países exportadores de produtos industriais (chamou de países cênicos) e nos exportadores de produtos de origem primária (que chamou de países periféricos). Essa visão econômica do sistema capitalista mundial passou a ser fundamental para a compreensão do fenômeno do subdesenvolvimento,

onde o mesmo passou a ser visto como uma configuração estrutural e não apenas como uma etapa do desenvolvimento de cada país. (FURTADO, 2013, p. 89).

Furtado coloca que o Manifesto de Prebisch não era uma crítica à teoria neoclássica do comércio internacional, mas sim uma queixa ao sistema internacional do trabalho que ainda prevalecia e que vinha provocando a longo prazo “concentração de renda em benefício dos centros exportadores de produtos manufaturados”. (FURTADO, 2013, p. 90).

Celso Furtado em grande parte de seus estudos teoriza sobre o desenvolvimento industrial das economias dos Estados mundiais. Ele coloca que o surgimento de um núcleo econômico industrial no século XVII provocou uma divisão na história do desenvolvimento mundial que repercutiu em 3 direções diferentes. A primeira direção foi o desenvolvimento dentro da Europa ocidental em si: “caracterizou-se pela desorganização da economia artesanal pré-capitalista”. Nessa primeira direção houveram duas fases, na primeira fase a oferta de mão de obra era maior que a sua absorção, o que fazia a mesma ser totalmente elástica; na segunda fase a oferta de mão de obra que acabou sendo decorrente do deslocamento da economia pré-capitalista, esgota-se, reorientando assim a tecnologia. A segunda direção foi para além das fronteiras da Europa - foram um prolongamento da economia europeia para qualquer lugar onde houvessem terras desocupadas que apresentassem similaridades às da Europa. Essas colônias se constituíam onde havia condições econômicas favoráveis para tal, como foi o caso do Oeste dos Estados Unidos e da Austrália. A terceira direção de expansão foi para regiões já conquistadas e povoadas, de natureza pré-capitalista. Nesta direção o contato econômico não foi feito de maneira homogênea: Em alguns casos, nesses contatos, o interesse acabou sendo apenas voltado para a criação de linhas de comércio. Em outros casos, o foco voltou-se para estimular o desenvolvimento da produção de matérias-primas, cuja necessidade só crescia nos centros industriais. (FURTADO, 2013, p.128).

O subdesenvolvimento não constitui uma etapa necessária do processo de formação das economias capitalistas modernas. É, em si, um processo particular, resultante da penetração de empresas capitalistas modernas em estruturas arcaicas. O fenômeno do subdesenvolvimento apresenta-se sob formas várias em diferentes estágios. O caso mais simples é o da coexistência de empresas estrangeiras, produtoras de uma mercadoria de exportação, com uma larga faixa de economia de subsistência, coexistência esta que pode perdurar, em equilíbrio estático, por longos períodos. O caso complexo - exemplo do qual nos ofereço o estágio atual da economia brasileira - é aquele em que a economia apresenta três setores: um, principalmente de subsistência; outro,

voltado sobretudo para a exportação; e o terceiro, como um núcleo industrial ligado ao mercado interno, suficientemente diversificado para produzir parte dos bens de capital de que necessita para seu próprio crescimento. (FURTADO, 2013, p.139).

Segundo Furtado, a teoria do subdesenvolvimento encarrega-se dos casos de situações onde o aumento de produtividade e a apropriação de novas técnicas não levam a uma igualdade social. Ela tem como ponto de desenvolvimento os ensinamentos de Raúl Prebisch sobre como o sistema capitalista apresenta uma ruptura estrutural entre países, chamando isso de sistema centro-periferia, onde em alguns países o progresso técnico se instaurou de forma lenta, dedicando-se à produção de matéria-prima voltada para a exportação (FURTADO, 2013, p.254).

O subdesenvolvimento é fruto de um desequilíbrio na assimilação das novas tecnologias produzidas pelo capitalismo industrial, o qual favorece as inovações que incidem diretamente sobre o estilo de vida. Essa proclividade à absorção de inovações nos padrões de consumo tem como contrapartida o atraso na absorção de técnicas produtivas mais eficazes (FURTADO, 2013, p.256).

Percebe-se que Celso Furtado assume os ensinamentos de Prebisch acerca da divisão entre os sistemas de centro e periferia e utiliza-os para desenvolver seus próprios estudos sobre o subdesenvolvimento latino americano, principalmente, o brasileiro. Segundo Cláudia Gonçalves Pereira, centro e periferia seriam uma estrutura dualista, pois se auto reproduzem em ritmos diferentes e também seriam uma estrutura com característica histórica pois as causas do subdesenvolvimento devem ser procuradas na sequência histórica de cada país (PEREIRA, 2005, p.02).

Furtado liga o subdesenvolvimento com a concepção de centro e periferia quando fala sobre “identificar os tipos particulares de estruturas socioeconômicas surgidas naquelas áreas onde o novo sistema de divisão do trabalho permitiu que crescesse o produto líquido mediante simples rearranjos no uso da força de trabalho disponível” (FURTADO, 2013, p.177). Ou seja, como o capitalismo cresceu e se propagou desde seu princípio.

Aqui Celso Furtado irá conectar as raízes do subdesenvolvimento com as raízes do sistema centro-periferia. Ele coloca, como anteriormente já ressaltado, que a divisão internacional do trabalho acabou criando um excedente de produção. Esse excedente permitiu às classes dirigentes dos países periféricos terem acesso a diferentes padrões de consumo construídos pelo progresso técnico e pela acumulação de capital presentes

nos países centrais. Dessa maneira, na periferia, aumentou-se a exploração sem a assimilação de novas técnicas de produção. Quando o setor de exportações entrou em fase de rendimentos decrescentes a indústria caminha para a substituição de importações.

Devendo miniaturizar sistemas industriais em um processo muito mais avançado de acumulação e devendo acompanhar a rápida diversificação da panóplia de bens de consumo dos países mais alto nível de renda, os países periféricos foram levados a ter que aumentar a taxa de exploração, ou seja, a concentrar cada vez mais renda (FURTADO, 2013, p.194).

De outra forma, houve uma maior difusão dos padrões de consumo concebidos nos centros com a infiltração de grandes empresas internacionais através do progresso técnico e do aumento dos gastos com tecnologia, o que apertou ainda mais os laços da dependência entre centros e periferias (FURTADO, 2013, p. 193-194).

A industrialização da periferia tende a tomar a forma dos bens que antes eram importados, processo chamado de substituição de importações. “A composição de uma cesta de bens de consumo determina, dentro de limites estreitos, os métodos produtivos a ser adotados, e, em última instância, a intensidade relativa do capital e do trabalho utilizado no sistema de produção”. Isto quer dizer, se a produção de bens de uso popular aumenta, recursos abundantes serão mais utilizados e recursos mais limitados serão menos utilizados do que caso fosse a produção de bens sofisticados, geralmente consumidos pelos grupos mais ricos. “O processo de fechamento da economia periférica que significava a substituição de importações era em realidade um esforço de diversificação da estrutura produtiva demasiado grande para o nível de acumulação que podia ser alcançado”. (FURTADO, 1981, p.42).

Segundo Bruno Borja, Furtado utiliza-se do conceito de centro-periferia, para diferenciar e especificar a situação econômica e política dos países latino-americanos, conectando-os com o tipo de dependência que esses países carregam. O autor coloca que “a condição periférica e a condição de dependência se tornam dois pilares para uma categoria mais ampla que seria o subdesenvolvimento” (BORJA, 2009, p.250).

Os principais fatores para o processo de permanência do subdesenvolvimento, segundo o que indica Celso Furtado, seriam a concentração de riqueza e renda; o surgimento do sistema de divisão internacional do trabalho, que incentivava o comércio em favor das economias centrais; o crescimento da exploração na periferia do sistema e a utilização do excedente pelos grupos dirigentes da região, resultando em uma ruptura

cultural que se demonstra por meio do processo de modernização; a industrialização direcionada para a os interesses da minoria modernizada, fazendo com que a taxa de salários ficasse presa em um nível de subsistência; o aumento do custo local com tecnologia voltado para acompanhar o padrão de consumo dos países do centro do sistema, tornando mais fácil a inserção de empresas internacionais e por último “a necessidade de fazer face aos custos crescentes em moeda estrangeira da produção destinada ao mercado interno, abrindo caminho à exportação de mão de obra barata sob o disfarce de produtos manufaturados” (FURTADO, 2013, p.195).

Em seus estudos, Furtado coloca que para compreendermos a estrutura do subdesenvolvimento pelas suas origens históricas, é necessário salientar, ao mesmo tempo, o processo da produção e o processo de circulação, pois conjuntamente, ambos constroem a dependência cultural que está como o princípio do processo de reprodução das estruturas sociais. Modernização é o nome dado à adoção de modelos refinados de consumo (privados e públicos) sem o equivalente processo de acumulação de capital nos meios produtivos. A necessidade de adotar padrões de consumo novos, criada a partir do avanço técnico, da acumulação de capitais e da diversificação do consumo realizado nos centros, pressionam a produção interna dos países a maximizar o excedente.

Os benefícios da modernização só vêm à tona quando os países em processo de desenvolvimento chegam à fase da industrialização, ou seja, quando se forçam a produzir para o seu próprio mercado o que antes era fruto de importações. Historicamente, Furtado discorre que as primeiras indústrias estabelecidas em países periféricos disputavam espaço com a indústria artesanal, onde produziam bem simples para a população de massa. Mas que o problema passa a tomar forma quando passam a produzir bens que serão consumidos por grupos sociais de maior modernidade, pois assim a tecnologia integrada aos bens importados não se associa com o nível de acumulação de capital, mas sim com o perfil diversificado de consumo do setor modernizado dessa sociedade. “Dessa orientação do progresso técnico e da conseqüente falta de conexão entre este grau de acumulação previamente alcançado, resulta a especificidade do subdesenvolvimento na fase de plena industrialização” (FURTADO, 2013, p.181).

A economia da América Latina se apoiou na exportação de produtos primários durante os séculos XIX e XX, um movimento econômico decorrente dos países que se já se industrializavam com seus avanços tecnológicos. A demanda por produtos

primários no mercado internacional é profundamente sensível aos estágios de negócios dos países que a geraram, caracterizando assim, uma grande instabilidade nas economias latino americanas:

Nas fases de baixa do valor das exportações (provocada pela redução da demanda externa e pela degradação dos termos do intercâmbio), as reservas de câmbio se esgotam com rapidez, as moedas se depreciavam, as receitas fiscais declinaram, contraindo-se a demanda agregada mais fortemente do que as próprias exportações (FURTADO, 2013, p. 86).

Chamada de vulnerabilidade externa por Furtado, esta acabou assumindo dimensões imensas após a quebra da Bolsa de Valores de 1929 e a depressão que se seguiu. Muitos países foram instruídos a racionar importações visando defender o nível de emprego e garantir o mínimo de gastos públicos e de investimentos. Nessa época, tornou-se madura a compreensão de que para reduzir a instabilidade criada pela vulnerabilidade externa era indispensável viabilizar a diversificação das estruturas produtivas de uma economia, buscando assim, o caminho da industrialização. O grupo técnico da Cepal teve que se definir e defender uma industrialização que surgiu em condições anormais, de maneira artificial e de custos altos, ou retornar à volta das vantagens comparativas que se havia estabelecido antes da quebra de 1929 (FURTADO, 2013, p. 87).

Um ponto de atenção é o progresso técnico. Um estudo originário de 1950 e ressaltado por Furtado em seus escritos, demonstra que a economia mundial está em constante expansão devido ao progresso técnico. Demonstra que a propagação do progresso técnico em países originários para o resto do mundo tem sido lenta e também irregular. O progresso das economias periféricas tem se apoiado no absorvimento de tecnologia importada, ainda que de forma limitada e vulnerável (FURTADO, 2013, p. 91).

A industrialização latino americana, longe de ser uma anomalia, era a saída encontrada na prática para minimizar os efeitos da depressão vinda do exterior e mesmo para lograr absorver o crescimento natural da população ou a mão de obra liberada pela penetração da técnica moderna nas atividades primárias (FURTADO, 2013, p.92)

O progresso técnico demonstra-se a partir de uma maior eficácia dos processos produtivos e pelo desenvolvimento de novos produtos. Dessa forma, a disseminação de novas técnicas é a propagação de uma civilização que sugere em sua população padrões de consumo e de comportamento em perdurável transformação, sendo assim,

valores que são propensos à universalização. E para ter acesso a esses bens que estão em contínua renovação, é necessário atingir altos níveis de produtividade (FURTADO, 2013, p.255)

Furtado elenca o estudo Problemas Teóricos e Práticos do Crescimento Econômico para trabalhar a questão do progresso técnico. O estudo demonstra que, à princípio, o processo econômico internacional buscava associar o periférico às economias cêntricas e que nas palavras de Celso Furtado é uma “fase que teria de exaurir-se pelo simples fato de que o intercâmbio internacional de produtos primários por manufaturados tem limites ditados pelo próprio avanço da técnica” (FURTADO, 2013, p.93) pois, a quantia de matéria prima necessária para a produção de um produto tende a diminuir com o avanço tecnológico e a exigência por alimentos decai frente em que aumenta o nível de vida da população. “Em síntese: se a elasticidade-renda da procura de produtos primários é baixa, a de produtos manufaturados é alta, o que significa que os países periféricos (importadores de produtos manufaturados) somam as duas desvantagens” (FURTADO, 2013, p. 94).

Outro ponto que tende a aumentar a distância entre um centro em constante equalização e uma periferia que possui disparidades que permanecem a acentuar-se é o processo de acumulação. No centro isso se compreende através da similaridade dos padrões de consumo, e nas periferias, por um afastamento entre a forma de vida de uma minoria privilegiada e o restante da população. Como efeito disso há pressões sobre os recursos não produtivos causados pelos efeitos da elevação do consumo da população. O fato da renda se manter, em maioria, nos países de maior desenvolvimento econômico, piora a pressão sobre os recursos, o que acaba gerando o processo de crescimento econômico. Assim, a concentração de renda no centro agrava ainda mais a separação deste da periferia do sistema (FURTADO, 2013, p.168)

Em seu livro, fica evidente que nos países cêntricos a parte da população que reproduz as formas de consumo é escassa e não parece aumentar com o decorrer da industrialização. E segundo Furtado, o motivo é que o nível de renda da população dos centros é, em média, dez vezes mais elevado do que a da população dos países periféricos. Dessa maneira, a minoria dos países periféricos que reproduz o estilo de vida dos países cêntricos necessita de uma renda dez vezes maior do que a renda per capita do próprio país em que vive. (FURTADO, 2013, p.171).

O progresso técnico e o processo de acumulação permitiram que crescesse a produtividade do trabalho especializado geograficamente. Assim, o excedente adicional

permanecia quase que totalmente no exterior, característica de economias coloniais. Dessa forma, o capitalismo fez com que alguns países (cêntricos, que lideravam a industrialização mundial) especializarem-se em atividades que possuíssem métodos produtivos que penetravam de maneira mais rápida, levando a outros países a se especializarem em atividades onde o progresso técnico era desnecessário ou a buscar a direção das reservas de recursos naturais não reprodutíveis (FURTADO, 2013, p.178).

As importações não eram direcionadas para investimentos ligados a exportações, com exceção das importações para construção da malha ferroviária nacional, não necessitavam de insumos importados. Isso deu margem à capacidade de importar bens de consumo do exterior, dando, dessa maneira, possibilidade para as elites locais das periferias do sistema acompanharem de perto os padrões de consumo impostos pelo centro próximo a perder o contato com as fontes culturais de seus países. Furtado coloca que a existência de uma classe líder em padrões de consumo semelhante aos países centrais, onde o nível de acumulação é alto e onde está cercada por uma cultura alavancada pelo progresso técnico, acabou modificando-se assim em um coeficiente básico na evolução dos países periféricos (FURTADO, 2013, p.179).

Isto é, os países periféricos foram alocados como países importadores de bens de consumo, consequência do processo de acumulação e do progresso técnico que antes estava localizado no centro do sistema capitalista. Os resultados eram destinados à uma pequena parcela, o que acarretava num aumento da renda disponível para consumo de um grupo seletivo.

O que fica explícito nos estudos de Furtado sobre a forma de consumo predominante no sistema cêntrico é que o estilo de vida criado pelo capitalismo será sempre o direito especial de uma minoria. Ele coloca que:

O custo, em termos de depredação do mundo físico, desse estilo de vida é de tal forma elevado que toda tentativa de generalizá-lo levaria inexoravelmente ao colapso de toda uma civilização, pondo em risco a sobrevivência da espécie humana. Temos assim a prova cabal de que o desenvolvimento econômico - a ideia de que os povos pobres podem algum dia desfrutar das formas de vida dos atuais povos ricos - é simplesmente irrealizável. (FURTADO, 2013, p.174).

Ou seja, sabemos que as economias periféricas nunca chegarão ao nível econômico ou político dos centros do sistema capitalista.

Bruno Borja, baseando-se nos estudos de Furtado, coloca que a tecnologia produzida nos países cêntricos carrega em si um processo particular, onde os elementos

da chamada cultura não-material exercem influência, sendo assim “os bens produzidos em determinado sistema nacional seja para consumo ou para produção, possuem em sua genética os valores culturais moldados pelas classes hegemônicas dentro deste Estado nacional específico” (BORJA, 2009, p.255).

Borja ainda disserta sobre uma dominação cultural exercida pelos grupos dominantes dos países periféricos, onde essas se identificam culturalmente e ideologicamente mais com a burguesia internacional de centro do que com as raízes culturais dos seus próprios países. Esses grupos buscam transmitir para suas relações internas esses valores centrais “de forma que o poder hegemônico no sistema mundial ganha com isso legitimidade e aceitação dentro da periferia” (BORJA, 2009, p.259).

Sobre o parágrafo anterior, Furtado coloca que esse tipo de burguesia surgida a partir da divisão internacional do trabalho possui a tendência a identificar-se cultural e ideologicamente com o centro do sistema, trabalhando com seu excedente como instrumento de aculturação. Dessa maneira, a modernização alcança a sua máxima intensidade (FURTADO, 2000, p.79)

O processo de transplante de padrões de consumo, originário no sistema de divisão internacional do trabalho e historicamente exigido pelos países líderes da Revolução Industrial, acabou por moldar sistemas onde o progresso técnico foi apropriado ao nível da demanda de bens de consumo. A dependência, situação de países que tiveram seus padrões de consumo moldados centros, pode existir sem que haja investimentos estrangeiros diretos. O fenômeno da dependência persiste quando determinado país permanece como satélite cultural de países cêntricos dentro do sistema capitalista e também se encontra em uma fase de acumulação de capital muito menor do que os centros. Esse processo, chamado por Furtado de colonização cultural, é estabelecido através da ação das classes dirigentes da região periférica que estão em princípio interessadas em manter uma alta taxa de exploração e dos grupos localizados no centro do sistema que controlam parte da economia internacional, buscando aumentar o mercado internacional de produtos. A partir dessa relação, está aberto o caminho para o intercâmbio desigual, característica das relações entre centros e periferias. (FURTADO, 2013, p.184).

Um dos pontos principais que Furtado usou para unir o subdesenvolvimento da dependência é a concentração de renda, uma vez que essa surge a partir da pressão para acompanhar os padrões de consumo impostos pelo centro, o que reflete nas estruturas sociais destes, equiparando-se assim à países subdesenvolvidos. “Toda

economia subdesenvolvida é necessariamente dependente, pois o subdesenvolvimento é uma criação da situação de dependência”. Além disso, o autor coloca que a passagem de subdesenvolvimento para desenvolvimento é muito difícil de ocorrer onde há dependência. A dependência se demonstra inicialmente a partir da imposição externa de padrões de consumo que são mantidos através do remanescente gerado no comércio exterior (FURTADO, 2013, p.187).

Os países periféricos em situação de dependência produziram um “acesso indireto à civilização industrial”, devido às ao seu próprio passado de dependência dentro da relação entre centro e periferia. Eles realizaram sua modernização através da transferência entre cultura e tecnologia constituinte do centro do sistema. Essa sua industrialização tardia transformou-se em uma produção local controlada por grupos transnacionais que possuem sua base tecnológica e de decisão baseadas no centro do sistema. Assim, o capitalismo da periferia já nasce sendo formado por oligopólios e monopólios centrais, funda-se, dessa forma, em padrões de cultura e de consumo que são constituídos fora do núcleo periférico e que apenas poucos têm acesso. Dessa maneira, coexistem na periferia a formas vindas do centro e com os atrasos constituídos de forma espontânea (SAWAYA, 2008, p.330).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos dados apresentados sobre o sistema centro-periferia a partir dos escritos de Raúl Prebisch e Celso Furtado, dois dos principais teóricos do subdesenvolvimento latino americano, foi possível identificar as principais características desse sistema de acordo com a visão dos dois autores.

Buscou-se retomar dentro de parte da bibliografia de Prebisch e Furtado a concepção de ambos os autores frente aos países centrais e periféricos, como essa relação se deu, a influência da normativa da divisão internacional do trabalho e as consequências da errônea distribuição do progresso técnico. O objetivo dessa retomada de literatura foi atingido, uma vez que passamos a entender que para Furtado a relação entre centros e periferias é baseada na dependência e no subdesenvolvimento de um dos lados dessa relação, e que para Prebisch a industrialização é a única maneira de reverter os problemas adquiridos a partir da má distribuição do progresso tecnológico.

Para Raúl Prebisch seus estudos possuem como ponto de partida a argumentação sobre a distinção e a relação de dependência existente entre países de centro e países de periferia apresentada em seus estudos publicados enquanto trabalhava na Comissão Econômica para a América Latina. Segundo sua teoria faziam parte dos centros os países industrializados, favorecidos pelo suporte do progresso técnico, é quem ordena o sistema de acordo com o seu interesse. Os países de periferia estavam ligados ao centro devido seus recursos naturais, uma vez que eram exportadores de matérias primas. Prebisch defendia a industrialização latino-americana, região compreendida como periferia do sistema, para a superação do subdesenvolvimento da mesma, uma vez que essa condição é prevista pelo progresso técnico e sua desigual divisão internacional. Prebisch sustentava a substituição de importações e a exportação de produtos manufaturados para a superação do desequilíbrio externo apresentado pelos países latino americanos, porém a mesma acabou se saturando. Dessa forma, a saída era uma industrialização mais complexa a partir de bens intermediários de consumo mais duráveis entre os mercados internacionais.

Celso Furtado também trabalhou com o desenvolvimento do conceito da interação de centros e periferias, principalmente no que diz respeito às consequências das relações de comércio exterior e da difusão do progresso técnico em ambos polos. Sua

principal tese é sobre a situação de subdesenvolvimento dos países periféricos, onde o aumento de produtividade e a apropriação de novas técnicas não levam a uma igualdade social. Dessa forma, Furtado liga as raízes do subdesenvolvimento com a situação de dependência apresentada pelos países de periferia frente aos países centrais, decorrente da irregularidade na divisão do progresso técnico entre esses países. Outro ponto que tende a aumentar a distância entre um centro e uma periferia é o processo de acumulação, onde no centro isso se compreende pela similaridade dos padrões de consumo, e nas periferias, pelo afastamento entre a forma de vida de uma minoria mais favorecida e o restante da população.

Fica claro que Raúl Prebisch e Celso Furtado foram importantes expoentes para o debate econômico e desenvolvimentista latino americano onde o estudo criado por ambos ainda carrega um grande peso na atualidade. Isso se deve devido ao crescimento latino americano, ao nível de emprego e desemprego, e a dispare distribuição de renda que ainda são perceptíveis em nosso dia a dia e confirmam as previsões de Prebisch e Furtado.

5. BIBLIOGRAFIA

BORJA, Bruno. Celso Furtado e a cultura da dependência. OIKOS (Rio de Janeiro), v. 8, n. 2, 2009.

CEPAL, N. U. Raúl Prebisch: un aporte al estudio de su pensamiento. 1987.

FURTADO, Celso. Essencial Celso Furtado. Editora Companhia das Letras, 2013.

FURTADO, Celso. Estado e empresas transnacionais na industrialização periférica. Revista de economia política, v. 1, n. 1, p. 41-49, 1981.

FURTADO, Celso. Introdução ao desenvolvimento: enfoque histórico-estrutural. Paz e Terra, 2000.

MACEDO, Bernardo Gouthier. As idéias de Raúl Prebisch sobre a industrialização periférica (1949-1954). 1994.

MIGUEL COUTO, Joaquim. Raúl Prebisch e a concepção e evolução do sistema centro-periferia. Brazilian Journal of Political Economy/Revista de Economia Política, v. 37, n. 1, 2017.

PEREIRA, Cláudia Gonçalves. Celso Furtado e a Teoria do Subdesenvolvimento. In: XII Congresso Brasileiro de Sociologia. 2005

PREBISCH, Raúl. O desenvolvimento econômico da América Latina e seus principais problemas. Revista brasileira de economia, v. 3, n. 3, p. 47-111, 1949.

PREBISCH, Raúl. O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus principais problemas. O Manifesto Latino-Americano e outros ensaios. Rio de Janeiro: Contraponto/Centro Internacional Celso Furtado, p. 153-245, 2011.

PREBISCH, Raúl. Crescimento, desequilíbrio e disparidades: interpretação do processo de desenvolvimento econômico. O Manifesto Latino-Americano e outros ensaios. Rio de Janeiro: Contraponto/Centro Internacional Celso Furtado, p. 153-245, 2011.

PREBISCH, Raúl. Problemas teóricos e práticos do crescimento econômico. O Manifesto Latino-Americano e outros ensaios. Rio de Janeiro: Contraponto/Centro Internacional Celso Furtado, p. 153-245, 2011.

Quem foi Celso Furtado. Disponível em: <<http://www.sudene.gov.br/quem-foi-celso-furtado>>. Acesso em: 18 de agosto de 2019

SAWAYA, Rubens R. Celso Furtado: criatividade e dependência na periferia. Estudos Avançados, v. 22, n. 64, p. 327-334, 2008.

DECLARAÇÃO DE AUTORIA E RESPONSABILIDADE PELO TRABALHO

Declaro para os devidos fins que este texto por mim apresentado como monografia, visando a obtenção do Diploma de Especialista em Sociologia Política pela Universidade Federal do Paraná, atende às seguintes condições: é de minha exclusiva autoria; na produção do referido texto não houve o uso indevido, antiético ou ilegal de trabalhos de outros autores, nem de práticas que possam ser consideradas como plágio; que a responsabilidade pela eventual ocorrência de práticas ilegais e antiéticas é exclusivamente minha; que não houve o auxílio de outras pessoas, remuneradas ou não, exceto, eventualmente, no que diz respeito à normalização ou revisão ortográfica do texto. Por fim, declaro estar ciente de que a eventual comprovação de tais práticas implicará em expulsão imediata deste curso, o que não me exime de outras penalidades previstas em lei.

Curitiba, 31 de Outubro de 2019

Mariana F. Post Santos

Mariana Fernanda Post Santos